

**Anais do 1º Encontro Tricordiano de Linguística e Literatura da  
Universidade do Vale do Rio Verde – 17 e 18 de novembro de 2011  
Grupo de Estudos Minas Gerais: diálogos**

**RECORTES DE A MUSA ADOLESCENTE**

**Cristiane Silva Fontes<sup>1</sup>**

**Mestranda da Universidade Vale do Rio Verde**

Joaquim Brasil Fontes escritor mineiro nascido em Formiga, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, passou parte de sua infância e adolescência cercado de livros inclusive de clássicos, que conseguia com amigos e moradores da cidade. Começou a aprender línguas, no ginásio, aos treze anos de idade, praticando leituras e tradução. Hoje, tradutor experiente, domina o francês, o italiano, o português, o inglês, o grego e o latim.

O dom da escrita se manifestou em Joaquim já em sua infância. Então, ele era apaixonado pelo cinema, e se encantava ao assistir a filmes de aventura como *Flash Gordon no planeta Mongo*, entre outros. A admiração por esses filmes era tão grande que, quando chegava em casa, ele reescrevia as partes mais importantes, provavelmente, na tentativa de materializar aquele momento. O escritor afirma que algumas das horas mais felizes de sua vida se devem ao cinema. Foi no cinema que ele conheceu o “noir”, um estilo de filme que tematiza o mistério, o crime e a intriga policial. Foi também graças ao cinema que Joaquim conheceu os enredos e o efeito de suspense.

Apesar de Formiga ser uma cidadezinha do interior, seu cinema, o Cine Glória, recebia companhias teatrais do Rio de Janeiro, e Joaquim, frequentador assíduo, não perdia uma encenação. Tanto o cinema, quanto o teatro, a pintura, a música e os livros tiveram papel fundamental na construção de sua carreira como escritor, tradutor, filósofo e professor.

Dono de um estilo peculiar de escrita, Joaquim mistura de realidade e ficção para poder desenvolver em algumas de suas obras. Sendo assim, nós leitores, precisamos de um estilo peculiar de leitura, para podermos penetrar na essência do texto.

Joaquim é autor de alguns ensaios, entre os quais *Eros, tecelão de mitos* (sobre a poética de Safo); *Poética do fragmento* (sobre Safo); *Os anos de exílio do jovem Mallarmé* (sobre a poética do jovem Mallarmé). Sua tradução de Eurípides, Sêneca e Racine é precedida por um longo ensaio. Escreveu também uma obra ficcional, *A Musa Adolescente*, baseado nas traduções de epigramas gregos do XII livro da *Antologia Palatina*. Além desses livros, é autor de um *divertissement* (texto produzido para divertimento), *O Livro dos Simulacros*.

***A Musa Adolescente***

Foi no início dos anos 1980 que Joaquim Brasil Fontes, retornando seus estudos de língua e literatura, organiza um projeto de tradução do Livro XII da *Antologia Palatina*, coleção de poemas curtos, em sua maioria epigramas de poetas diversos, que viveram no período helenístico (antes de Cristo). A *Antologia* foi descoberta por Claude

---

<sup>1</sup> E-mail: [cris\\_fontes19@yahoo.com.br](mailto:cris_fontes19@yahoo.com.br)

Saumaise em 1606, e é dividida em XV livros. Dentre os vários escritores da *Antologia Palatina*, temos Straton de Sardes, o responsável pelo XII livro, *Musa Puerilis*.

O Livro XII da *Antologia Palatina* recebeu o nome de *Musa Paidiké* (em grego) ou *Musa Puerilis* (em latim), isto é “Musa Adolescente”, que tem por tema, o amor pederástico. Ela é atribuída ao poeta Straton que teria vivido em Sardes (atual Turquia) no século I d.C.

A intenção de Joaquim ao escrever *A Musa Adolescente*, de acordo com entrevista concedida a Ana Lúcia Vasconcelos em janeiro de 2007, era rememorar seu passado real e compreendê-lo através da linguagem. Ele o fez não apenas servindo-se de sua memória, mas também criando uma infância fictícia vivida em Esmirna. Na gênese da obra está também a tradução dos epigramas do Livro XII da *Antologia Palatina*. Nas palavras de Joaquim:

[...] Há poesia no livro; não minha é, claro, que não ou poeta: o ponto de partida da Musa ... está na tradução daqueles epigramas gregos [...] a erótica pederástica da *Antologia Palatina*.<sup>2</sup>

Este teria sido o primeiro passo na concepção da obra. Por volta de 1996, Joaquim esboçou as primeiras páginas de seu livro, que foi publicado em 1998.

Quanto ao gênero do livro, Benedito Nunes o caracteriza como um romance, mas cita no prefácio do livro como uma obra de mistura de gêneros: “[...] poesia e prosa em alternância.”<sup>3</sup> Na opinião de Joaquim, ele tem muito de teatro, cinema e música, que de forma imagética se encontram amalgamados no texto.<sup>4</sup>

Segundo o autor, “... a obra se faz com imagens fulgurantes, que atingem o leitor de forma repentina”. Ele acrescenta: “Não há cifras em *A Musa Adolescente*, só imagens.” E ainda: “... ou você assume que o livro é de imagens, ou ele não acontece...”<sup>5</sup>. Nas conversas, por e-mail, com Joaquim, expus minha dificuldade e agonia ao ler a obra e ele me disse:

É um livro escrito em agonia e talvez por isso agonie o leitor. Foi escrito num labirinto, entre ficção e realidade...<sup>6</sup>

É através dessas imagens, que aparecem como iluminações imbricadas no texto, que ele reelabora tradição literária. Tradição essa, que de acordo com Eliot:

[...] envolve um sentido histórico, que leva um homem a escrever não somente com a própria geração, mas com um sentimento de que toda a literatura europeia desde Homero, e nela incluída, toda a literatura de seu próprio país têm uma existência simultânea e constituem uma ordem simultânea. (ELIOT, 1989, p.39).

---

<sup>2</sup>- Entrevista a Ana Lúcia Vasconcelos, 2007

<sup>3</sup> Prefácio do livro *A Musa Adolescente*, p. 8

<sup>4</sup> Entrevista a Ana Lúcia Vasconcelos, 2007

<sup>5</sup> Excerto retirado da citada entrevista concedida a Ana Vasconcelos em 2007

<sup>6</sup>- E-mail de 26/09/2011

O escritor esclarece que muitas das cenas surgiram do inconsciente, de uma época de leituras e admiração de imagens que foram se misturando a memórias “verdadeiras” de seu passado. Joaquim diz na já citada entrevista de 2007, que sua intenção inicial, ao escrever *A Musa Adolescente*, era usar da linguagem para compreender e recuperar seu passado real. Porém, no decorrer do livro, sem que ele percebesse, essa intenção foi inteiramente atropelada.

[...] Estou me lembrando agora: alguns daqueles quadros, como por exemplo, os da viagem de volta a Esmirna foram caindo no discurso, um a um, enquanto eu escrevia, ainda numa estrepitante remington. Não sei exatamente de onde vinham... [...] <sup>7</sup>

*A Musa Adolescente* é uma obra escrita numa prosa poética, que amalgama referências da literatura e da música. Podemos dizer que o autor recria a tradição literária e, sobretudo a tradição clássica, por meio de referências, à mitologia e à poesia particularmente.

Memórias são relembradas, a imaginação cria cenas irrealis, e é na mistura do real com o fictício que Joaquim Brasil Fontes elabora *A Musa Adolescente*, obra que contém quatro capítulos: “Na Taverna dos Passarinhos”, “Na caixa de Cristal Verde”, “No Magic Circus”, “Na Terra dos Reis Magos sem Tesouros”.

Na parte XV do primeiro capítulo o autor nos apresenta os Dervixes<sup>8</sup> rodopiantes, que são parte de uma manifestação cultural de cunho religioso, da ordem Mevlevi<sup>9</sup> do Sufismo, uma corrente do Islã, na Turquia. Nessa cerimônia, os dervixes dançam o sema<sup>10</sup>, rodopiando ao som de músicas tradicionais, com o objetivo de atingir um êxtase do amor universal pela prática do giro, causando um esvaziamento de si mesmos, atraindo a energia divina. Acredita-se que essa energia divina entra pela mão direita, cuja palma está virada para cima, passa pelo corpo, e sai pela esquerda, cuja palma virada para baixo.

No trecho que se segue, retirado da página 38 do livro *A Musa Adolescente*, o narrador conta a origem da dança cerimonial dos dervixes e descreve a visita a uma Mesquita dos Dervixes:

Lembro-me de que o velho chefe dos dervixes contou a Gérard como o grande poeta Djélal-Ed-din Rumi, o Mevlana – o bem amado –, havia, não inventado, mas descoberto a dança cerimonial dos Dervixes, sema: “Certo dia, o Mevlana caminhava pela cidade e ouviu o ruído de martelos em uma oficina de ourives. O ritmo e o som das batidas lhe inspirou a dança, que ele realizou pela primeira vez ali

<sup>7</sup> E-mail de 13/11/ 2011

<sup>8</sup> A palavra *dervixe* vem do persa e/ou árabe "*daruish*", e significaria 'monge maometano' (In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dervixe>).

<sup>9</sup> Ordem Mevlevi— atua na Turquia e Balcãs [região sudeste da Europa que inclui Albânia, Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Bulgária, Grécia, República da Macedônia, Montenegro, Sérvia]. Em seus exercícios de *dhikr* [meditação] utilizam intensamente a música e a dança. São os conhecidos *Dervixes Rodopiantes*. (In: <http://www.mortesubita.org/sociedades-secretas-e-conspiracoes/textos-conspiracionais/sufismo-o-misterio-dos-dervixes>)

<sup>10</sup> Sema – dança ritual de giro dos dervixes

mesmo, na rua.” Em seguida o ancião mostrou, num enorme livro, a transcrição que o confraria estava fazendo de sua música para a notação ocidental; Gérard observou que assim iriam deteriorar sua própria melodia, nascida na tentativa de encontrar o ritmo cósmico do celeste ourives; o chefe dos dervixes abaixou os olhos sem responder. As imagens daquela noite se misturam na minha memória, com outras, e rodopiam; talvez não houvesse anêmonas no jardim da Mesquita, talvez o chefe dos dervixes tivesse dado uma resposta qualquer.

[...]

Os dançarinos já estavam girando em torno de si próprios e ao redor de um centro, onde se encontrava o chefe da cerimônia; eles rodopiavam: uma das mãos voltada para o céu, a outra para a terra, na linha que separa a eternidade da vida, eles iam esvaziando de si mesmos, como a flauta que se entrega ao sopro do músico:

*“Não compareis ninguém a Allah, porque Ele sabe o vós ignorais;”*[...] (FONTES, 1998, p.38).

No primeiro capítulo observamos algumas repetições, que dão um sentido poético ao texto. Em conversa, por e-mail, com Joaquim, ele diz que essas repetições aconteceram sem que ele percebesse: “As repetições se impunham à minha escrita sem que eu tivesse a intenção de “produzir” poesia: nasciam do ritmo da escrita”. Daremos aqui alguns exemplos dessas repetições.<sup>11</sup>

Primeiramente, as falas da personagem avó, em relação ao personagem Ahmed. Percebemos que os anos passam porque ao longo do texto ela pontua a idade do garoto. Os anos passam, mas o garoto está sempre na mesma situação: lendo, nu. Percebe-se que a cada fala Ahmed envelhece e se aproxima de sua morte, que acontece aos 17 anos.

Ahmed está lendo sob o enorme tamarindo, nu. [...] um menino de doze anos [...] (FONTES, 1998, p.13).

Ahmed lia sob o enorme tamarindo, nu. Mas ele já está com treze anos! [...] Já é um mocinho! [...] (FONTES, 1998, p.25).

Ahmed lia, completamente nu. [...] Mas ele já está com quatorze anos... já é um mocinho. Já passou da idade de se expor assim [...] (FONTES, 1998 p.30).

Ahmed, do outro lado do canteiro de anêmonas, deitado na relva: flores vermelhas pousavam, como gotas de sangue, no seu corpo nu [...] (FONTES, 1998, p.31).

Um segundo exemplo está nas seguintes passagens:

---

<sup>11</sup> E-mail de 13/11/2011

“Tomado pela angústia, eu errava no país inabitável do silêncio, quando, do outro lado da falsa porta, minha prima Mary assobiou uma melodia

[ ]

uma melodia que, ainda hoje, voltando a Sardes do meu tempo, e procuro, em vão, reconhecer:

[ ]”

p. 25

“Tomado pela angústia, eu rodopiava no país inabitável do vazio, quando tive a impressão de ver, do outro lado da sala, minha prima Mary assobiando uma melodia

[ ]

uma melodia que, ainda hoje, revisitando a Turquia de meu tempo, eu procuro em vão reconhecer:

[ ]”

p. 38/39

“E eu... tomado pela angústia, tinha entrado no país inabitável da solidão, quando acreditei ver, à um a porta da mesquita, minha prima Mary assobiando uma melodia

[ ]

uma melodia que, ainda hoje, revisitando Esmirna do meu tempo, procuro, em vão reconhecer:

[ ]”

p. 42

Poderíamos associar essas e outras repetições ao rodopiar dos dervixes, talvez à agonia do autor/narrador e/ou a uma necessidade de esvaziamento de si mesmo. Nos três trechos o narrador se diz “tomado pela angústia”; sua prima Mary está “assobiando uma melodia” que ele “procura em vão reconhecer”. No primeiro trecho, ele “errava no país inabitável do silêncio”; no segundo ele “rodopiava no país inabitável do vazio”; no terceiro, ele “tinha entrado no país inabitável da solidão”. O narrador volta a Sardes, revisita a Turquia e revisita Esmirna. Angústia, música, memória são temas dominantes desses trechinhos, que lembram refrãos.

Na já citada entrevista que Joaquim concedeu à Ana Lúcia Vasconcelos, em 2007, ele pontua o estilo fragmentado e poético de *A Musa Adolescente*, nas seguintes palavras:

[...] não que eu tenha pretendido fazer um livro de joguinhos intertextuais, de pura forma: muitas dessas figuras me surgiram mesmo assim, de memórias textuais pictóricas, de um passado de

leituras e contemplação de imagens, que foram se misturando a memórias “verdadeiras” de meu passado.<sup>12</sup>

Terminando assim essa comunicação, observamos que *A Musa Adolescente* parece ser um mosaico de várias leituras, e sentidos como pontuou Joaquim, em conversa trocada por e-mail em 03/10/2011: “O autor não é nunca o “dono” dos sentidos. Os sentidos se fazem em todas as direções, são múltiplos, podem mudar a toda hora”. Encontramos também mistérios e propositalmente imprecisões, que criam um clima onírico, para o qual o autor parece apontar em passagens, dentre elas a seguinte:

“Eu tinha dez anos de idade...  
Não; eu tinha quatorze...  
No mês em que completei dezessete anos de idade, [...]” (FONTES, 1997 p.36).

Concluimos que o relato de Joaquim Brasil Fontes tem muito de um passado ficcional e real, que está tanto em suas referências literárias quanto em sua própria memória individual. Autor e narrador se confundem na rememoração e na criação de um texto literário. “[...] toda recordação, por ser o bem de um homem só, é secreta.” Excerto retirado do memorial de Joaquim Brasil Fontes, 1995, um ano antes da publicação de *A Musa Adolescente*, que de acordo com o autor, serviu de mediador para a publicação da obra.<sup>13</sup>

#### **Referências bibliográficas:**

AGNES, L.L.C., GUERINI, A. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, abril 2009. Verbete. In: *Dicionário de tradutores literários do Brasil*. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoaquimBrasilFontesJunior.htm>. Acesso em: 03 set. 2011.

FONTES, Joaquim Brasil. *A Musa Adolescente*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1998.

FONTES, Joaquim Brasil. *Memorial*. 1995. 181p. Concurso para Docência – FE-UNICAMP Universidade de Campina, Campinas, 1995.

FONTES, Joaquim Brasil. *Traduzindo o mundo grego e falando de metamorfoses*: entrevista a Ana Lúcia Vasconcelos. Campinas, jan. 2007. Disponível em: [http://www.saldaterraluzdomundo.net/literatura\\_entrev\\_joaquim.htm](http://www.saldaterraluzdomundo.net/literatura_entrev_joaquim.htm). Entrevista. Acesso 03 set. 2011

*Poemas da Antologia Grega [...]: séc. VII a.C. a V d.C.* Seleção, tradução, notas e posfácio José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>12</sup> Entrevista a Ana Lúcia Vasconcelos, 2007.

<sup>13</sup> Informações obtidas na troca de e-mails com o autor em Nov. de 2011.